

RAÍZES QUE SOBREVIVEM: UMA REFLEXÃO SOBRE A TRADIÇÃO DA BANANICULTURA NA CIDADE DE CORUPÁ - SC (1994 - 2017)

Giseli de Lorena ¹

Vanderley de Paula Rocha ²

Palavras - chave:
Tradição; bananicultura;
costumes; Corupá.

INTRODUÇÃO

Observando-se a forte relação da cidade de Corupá com a prática da bananicultura, atividade que possui grande destaque econômico na cidade, bem como importância cultural e sabendo-se que esta atividade foi sendo passada de pai para filho ao longo do tempo, transpassando gerações, surgiu o questionamento: Como ocorre a transmissão da tradição da bananicultura na cidade de Corupá – SC?

Com vistas a elucidar esta questão, a pesquisa teve como objetivo geral identificar como a tradição da bananicultura é passada de geração em geração. Para tanto, estabeleceram-se ainda objetivos específicos, os quais foram: Conhecer a história da produção da banana na cidade de Corupá – SC; entender a percepção da bananicultura na cidade por três gerações diferentes e verificar como ocorrem as transmissões da tradição do cultivo de bananas na cidade de Corupá – SC.

Tal pesquisa se justifica por ser o cultivo de bananas, uma das principais atividades desenvolvidas na cidade de Corupá – SC. Esta tradição contribui não apenas para a economia, mas também para a cultura da cidade, visto que é uma atividade histórica, pois já vem sendo desenvolvida na cidade desde muito tempo, acompanhando as mudanças pelas quais passou o município. Nossas fontes demonstram que muitos jovens, geralmente não tem interesse em sair da cidade, buscam continuar com a bananicultura, pois a valorizam e a consideram como parte de suas vidas.

Além disso, estas reflexões aqui estabelecidas são importantes, visto que poucas obras bibliográficas destinam-se a estudar a cultura da banana na cidade, pois se voltaram basicamente às condições físicas, ou seja, de clima e relevo, bem como às raízes históricas desta atividade no município, não tendo, portanto, o foco na sua parte cultural. Deste modo, se percebe a importância desta pesquisa, tanto para a comunidade em geral, quanto para pesquisadores que buscarem maiores informações sobre o tema.

O recorte temporal foi estabelecido a partir da data de início da Associação de Bananicultores de Corupá – ASBANCO, em 1994, a qual representou marco para a atividade na cidade, trazendo melhorias e maior visibilidade aos produtores. A partir disso, busca-se refletir sobre a transmissão da atividade para outras gerações até o ano de 2017, compreendendo os aspectos posi-

¹ Bacharel e Licenciada em História pela Universidade do Contestado (UnC). Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Mestranda em Patrimônio Cultural e Sociedade, pela Universidade da Região de Joinville (Univille). E-mail: giselidelorena@gmail.com

² Orientador. Mestre em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

tivos e negativos que permeiam a vida do produtor neste período e a manutenção da tradição como “modo de fazer” (CERTEAU, 2009).

Para acompanhar as transformações ocorridas nesta tradição ao longo dessa temporalidade a pesquisa utilizou como metodologia central a história oral, a qual permite estudar períodos mais recentes da história, compreendendo suas conexões com o passado. Sobre a importância desta metodologia para a prática da historiografia na atualidade, Portelli (1997, p. 31) afirma que

A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevisitas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas. [...]

Ainda sobre a questão da história oral, das suas dificuldades e dos aspectos positivos ao longo de sua trajetória a partir da década de 1970, na França, Ferreira (2002) demonstra que existem duas vertentes principais do trabalho com esta metodologia. Uma delas é a que utiliza os depoimentos e entrevistas como forma de preencher lacunas deixadas por outras fontes documentais. E a outra, trabalha com a questão das representações e da memória, a partir das fontes orais, a qual será utilizada neste estudo. Deste modo

[...] Nessa vertente a subjetividade e as deformações do depoimento oral não são vistas como elementos negativos para o uso da história oral. Conseqüentemente, a elaboração dos roteiros e a realização das entrevistas não estão essencialmente voltadas para a checagem das informações e para a apresentação de elementos que possam se constituir em contra-prova, de maneira a confirmar ou contestar os depoimentos obtidos. [...] (FERREIRA, 2002, p. 328)

Portanto, optou-se por explorar depoimentos de três famílias, divididas em três gerações, para verificar as diferentes percepções sobre a cultura da banana no município e para as suas próprias vivências, suas mudanças e permanências, de modo a identificar como esta tradição vem sendo repassada ao longo do tempo. Neste sentido, Portelli (1997, p. 31) reforça a importância dessas fontes ao passo em que “[...] fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. [...]”.

Foram entrevistadas as famílias: Fossile, onde

estavam presentes a avó Elita Helena Fossile, de 71 anos; o filho Adilson Fossile, de 41 anos; a nora Roline Paholski Fossile, de 36 anos; bem como as duas netas, Rafaela Fossile de 18 anos e Adilene Fossile de 16. Da família Jantsch, estavam presentes o avô, Adalberto Jantsch, de 70 anos; o filho Elcídio Jantsch, de 48 anos e o neto Olisses Jantsch, de 24 anos. Por fim, a família Mokwa, onde estavam presentes o avô Vicente Mokwa, de 64 anos; a avó Elfi Minatti Mokwa, de 63 anos; a filha Marcia Mokwa Guckert, de 42 anos e o neto Alexandre Guckert, de 21 anos. A opção por estas famílias se deu por meio da indicação da ASBANCO, por se tratar de famílias envolvidas na atividade e que apresentam três gerações trabalhando juntas no cultivo das bananas.

As entrevistas foram realizadas nas residências das famílias, acompanhadas de um representante da ASBANCO, a qual fez os contatos com os produtores, que se dispuseram a gravar a entrevista. Houve então uma conversa por meio de questões semiestruturadas, gravadas em áudio com consentimento para uso e divulgação dos nomes. Posteriormente estas entrevistas foram transcritas, para serem utilizadas como as fontes principais da pesquisa.

Este artigo está dividido em três partes. A primeira delas busca apresentar um breve histórico da cidade de Corupá e como se relaciona com a bananicultura. A segunda parte apresenta as mudanças ocorridas na bananicultura de Corupá, após a criação da ASBANCO em 1994, trabalhando-se com o recorte temporal do artigo. Por fim, discute-se a tradição da atividade da produção de bananas na cidade de Corupá a partir das entrevistas com os produtores e do diálogo destas com os autores utilizados.

A CIDADE DE CORUPÁ-SC E A SUA RELAÇÃO COM A BANANICULTURA

Antes de falar da história da bananicultura no município, é preciso remeter-se à própria história de Corupá, a qual teve como nome inicial Hansa Humboldt, “em homenagem ao naturalista alemão Alexander Von Humboldt e a Companhia Hanseática de Colonização de Hamburgo, que visava colonizar o estado” (CORUPÁ, 2014, p. 1). Os primeiros imigrantes a virem para a cidade chegaram no dia 07 de julho de 1897, vindos do porto de São Francisco do Sul, sendo provenientes da Alemanha, o que foi se repetindo com outros imigrantes ao longo do tempo (REBOLAR, 2016).

Conforme consta na história do município, têm-se que neste período

Corupá estava integrada à administração de São Francisco do Sul à qual se ligavam Joinville, Jaraguá do Sul e todas circunvizinhanças. Com a criação do distrito de Joinville, Corupá foi anexada a administração de Joinville via Jaraguá do Sul; mais tarde criou-se o distrito de Jaraguá do Sul e, finalmente, em 11/05/1908 foi criado o distrito de Hansa Humboldt, sendo o primeiro intendente o Sr. Ernesto Rückert. Em virtude do Decreto Lei Estadual do Governador Nereu Ramos de no. 941 de 31/12/1943, a partir de 01/01/1944 Hansa Humboldt passou a chamar-se Corupá. Por Decreto Lei Estadual nº 348 de 21/06/1958 foi criado o Município de Corupá e sua instalação ocorreu no dia 25/07/1958. (CORUPÁ, 2018, p.1)

A bananicultura foi se desenvolvendo no município a partir dos imigrantes que nele chegaram, sendo passada ao longo das gerações e se constituindo como uma importante atividade, visto que possibilitava obter ganhos com a agricultura, mesmo com as condições de relevo íngreme e clima subtropical presentes no local (SILVA, 2016).

Mundialmente, as primeiras formas de cultivo da banana teriam surgido na Ásia, mais precisamente no Sudeste Asiático, em regiões de clima tropical com presença de umidade. Entretanto, outros estudos apontam que em Papua Nova Guiné já havia o cultivo da planta desde 5000 a. C. (GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA, 2010).

Quanto à expansão da fruta pelo mundo, pode-se dizer que o início deste processo ocorreu por volta de 650 a.C., através dos árabes que a chama-vam de 'banan', cujo significado seria dedo, alusivamente ao formato da banana. Sobre a chegada das bananeiras à América, alguns estudos apontam que os asiáticos já as haviam trazido antes mesmo da colonização dos europeus, ao apontarem no Oceano Pacífico. Deste modo, povos nativos já utilizavam as bananas há muito tempo (GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA, 2010).

Conforme o Governo do Estado de Santa Catarina (2010, p. 18)

A bananeira é considerada a fruta mais antiga de que se tem notícia, tendo sido citada em textos budistas de até 500 anos a.C. É uma planta herbácea de caule subterrâneo, que se desenvolve em sentido horizontal, do qual surgem largas folhas que crescem para fora da terra. Apenas uma vez cada pseudocau-le produz um ramo de flores, que, aos poucos vai se transformando num cacho de bananas, formado por pencas que, ao todo podem chegar a duzentas unidades. Depois de ter produzido o cacho, outro pé começa a crescer do rizoma subterrâneo e dele nascerá o próximo cacho.

Deste modo, desde tempos remotos a bananicultura é uma importante atividade agrícola que permeia a vida de muitas famílias, que dela tiram o seu sustento, produzindo a fruta que é comercializada por muitas pessoas e em vários lugares do mundo.

De acordo com Rebolar (2016, p. 17), o início da bananicultura na cidade de Corupá ocorreu da seguinte forma:

É possível que a bananeira tenha sido trazida pelos primeiros habitantes não indígenas que ocuparam a região de Corupá. Em diferentes regiões catarinenses, os primeiros habitantes não indígenas foram famílias provenientes da Capitania de São Vicente, hoje São Paulo. [...]

Todavia, vale ressaltar que em Corupá a bananicultura está associada aos imigrantes, em maior parte alemães, que se fixaram na região e buscaram na agricultura a principal atividade para sobreviver, a qual posteriormente também foi utilizada para comercialização. Segundo Rebolar (2016), já nas décadas iniciais da colônia a produção de banana já era maior do que a capacidade de absorção.

Deste modo, começou a produção da banana passa, como forma de armazenar a fruta e evitar que ela se desperdiçasse como ocorria com a fruta *in natura*. Em 1914 foi fundada ainda uma fábrica de farinha de banana verde, sempre no intuito de utilizar a maior quantidade da banana produzida (REBOLAR, 2016).

Inicialmente havia a dificuldade de comercializar a banana devido à precariedade de transportes, pois somente a partir de 1913 é que o transporte ferroviário se consolidou na região, fazendo com que a fruta pudesse ser comercializada para outras regiões, além de Corupá. Assim “Quando o trem encostava, os comerciantes avisavam os produtores, os cachos verdes eram cortados, acondicionados em carroças puxadas por cavalos e levados até a estação de cargas” (REBOLAR, 2016, p. 33-34).

Mesmo a partir das dificuldades iniciais, a produção da banana em Corupá continuou aumentando e após 1926, a bananicultura já era a principal atividade econômica da cidade, desenvolvida por muitas famílias que dela tiravam o seu sustento (REBOLAR, 2016).

Após a década de 1940, houve grandes investimentos no transporte rodoviário, mas as condições a que as frutas eram acondicionadas nos caminhões muitas vezes prejudicavam os produtos. Três décadas depois surgiram as estufas climatizadoras da ba-

nana, que serviam para proporcionar as condições de amadurecimento mais adequadas à fruta (REBOLAR, 2016).

Sobre as dificuldades iniciais da produção da banana, Rebolar (2016, p. 55) aponta que

A bananicultura na Região de Corupá foge dos padrões de produção encontrados nas demais regiões produtoras. Em clima subtropical, solo pedregoso, relevo montanhoso com até seiscentos metros de altitude onde brotam nascentes, gerações de agricultores familiares estabeleceram uma produção pujante que é responsável pela alta renda e qualidade de vida local. [...]

Melhorias continuaram e continuam a ser buscadas, de modo a aperfeiçoar a produção e melhorar a qualidade do produto oferecido ao mercado. Embora tenha enfrentado muitos desafios desde o início de seu cultivo, tais como o relevo íngreme, a pedregosidade, o clima subtropical e suas temperaturas baixas, além de fotoperíodos curtos, a bananicultura de Corupá permanece em desenvolvimento e pode ser considerada uma importante atividade econômica da cidade. Esta busca por mudanças que tornassem melhor a vida do produtor deu início às ideias de buscar o associativismo com uma alternativa.

ASSOCIAÇÃO DOS BANANICULTORES DE CORUPÁ – ASBANCO E A NOVA FASE DA BANANICULTURA NA CIDADE

Uma das grandes dificuldades apresentadas pelos produtores da banana era a pouca lucratividade que tinham com a venda da fruta, o que ocorria principalmente pelo fato de que estavam a mercê dos chamados “atravessadores”, que eram os responsáveis por comprar as bananas e leva-las ao mercado, bem como trazer os insumos de que necessitavam os produtores, na maioria das vezes pagando preços baixos pela fruta e vendendo os insumos por preços mais altos. Este problema desanimava os produtores, o que fez surgir a necessidade de pensar em soluções e melhorias³

Neste contexto de aperfeiçoamento é que surgiu a Associação dos Bananicultores de Corupá – ASBANCO, de forma a conseguir melhorar algumas questões que ainda incomodavam os produtores, tomando iniciativas como, por exemplo, a

compra coletiva de insumos agrícolas, barateando e facilitando as transações comerciais. Além disso, ao longo deste tempo, após seu surgimento em 1994, a ASBANCO atua ainda representando seus sócios, fornecendo assistência técnica e tornando mais justas as relações comerciais que permeiam a atividade (SILVA, 2016).

A Ata de Fundação da mencionada associação data de 30 de julho de 1994, às 14 horas, onde estiveram reunidos 102 bananicultores de Corupá, no Salão Paroquial Católico São José, localizado no centro da cidade. Comandados pelo então Secretário de Agricultura do município, bem como por um engenheiro agrônomo e um técnico agrícola, a reunião fechou um ciclo de outros quatro encontros em comunidades produtoras da banana, de modo a sensibilizar a comunidade para a necessidade de uma associação que os representasse. Por meio de votação, a maioria dos presentes aprovou a criação da referida associação, tomando as providências cabíveis para a continuidade do processo (ATA DE FUNDAÇÃO DA ASBANCO, 1994, p. 1).

Data de 04 de novembro de 2010 a criação do Estatuto da Associação dos Bananicultores de Corupá – SC, o qual apresenta de modo claro os objetivos, deveres, condições e responsabilidades da ASBANCO, bem com todas as questões burocráticas necessárias para o seu funcionamento.

Entre este período, ocorreu outra conquista significativa para a visibilidade da bananicultura da cidade, pois de acordo com a Lei estadual nº 12.472 de 11 de dezembro de 2002, a cidade de Corupá, localizada no norte de SC, passou a ser reconhecida como a capital catarinense da banana. Esta lei consolidou-se em 2015, pela Lei estadual nº 16.722 de 08 de outubro de 2015 (LEIS ESTADUAIS, 2018).

Neste período, a Associação continuava a desenvolver suas atividades, sendo que data do ano de 2003, a Lei Municipal nº 1.505/03, a qual reconheceu a ASBANCO como uma instituição de “utilidade pública municipal” (LEIS MUNICIPAIS, 2018).

Também neste contexto, mais especificamente em 2006 surgiu a Associação MUSAS do Izabel Alto, localidade onde existe grande produção de bananas, para que as mulheres criassem uma atividade voltada para a extração da fibra da bananeira, a qual é usada em diferentes formas de artesanato. No mesmo ano, fundou-se a Cooperativa Rio Novo, que envolve todas as fases da produção da banana e atu-

3 Informação obtida em conversa com a Diretora Executiva da ASBANCO, Eliane Cristina Muller, em maio de 2018.

almente trabalha também com a farinha da banana verde e produtos a partir desta farinha, aumentando ainda mais as perspectivas da bananicultura enquanto motor econômico de Corupá (REBOLAR, 2016).

"Banana de Corupá, Doce por Natureza" é um slogan que foi criado em 2008 para expressar o sabor da fruta produzida pelas famílias corupaenses. Segundo dados da ASBANCO, a cidade produz em torno de 155 mil toneladas de banana por ano, para consumo tanto no Brasil quanto em outros países do mundo. Muitas famílias vivem desta atividade, cerca de 600, as quais se baseiam no modelo de agricultura familiar, visto que as propriedades em média 8 hectares. Acredita-se que em média sejam 9 milhões de pés de bananeiras, plantadas em 5500 hectares de fruta (REBOLAR, 2016).

A atividade passou a apresentar mais destaque na cidade nas festividades do Dia da Banana, comemorado em 21 de agosto, anualmente, conforme a Lei Municipal nº 2078/12, de 31 de julho de 2012 (LEIS MUNICIPAIS, 2018). Tal legislação visa fomentar a valorização da atividade no município, trazendo ainda mais benefícios aos produtores (REBOLAR, 2016).

Ademais, em 2016 teve início o processo de Indicação Geográfica (IG), na modalidade de Denominação de Origem, buscando obter o registro da "banana mais doce do Brasil", para as frutas produzidas na Região de Corupá (Corupá, Jaraguá do Sul, Schroeder e São Bento do Sul), onde diversas documentações e estudos físicos e histórico-culturais foram realizados (SILVA, 2016). O processo foi concluído em agosto de 2018, sendo que o Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) concedeu o registro à Região mencionada.

A banana é um importante ingrediente tanto econômico quanto cultural para a sociedade brasileira e mundial, se forem levados em consideração seus aspectos de produção e consumo, bem como as relações sociais que se desenvolvem neste processo, principalmente quando é baseada na agricultura familiar, como é o caso de Corupá. Conforme o SEBRAE (2008, p. 10)

A presença marcante de um objeto nas manifestações culturais de um povo – em sua língua, nas suas lendas e nos seus hábitos alimentares, por exemplo – dão a medida de sua popularidade. A banana parece ser fonte inesgotável de inspiração para a cultura popular, não apenas no Brasil, como no mundo inteiro. Considerada uma das frutas mais apreciadas por sua aparência exuberante e gosto adocicado figura, ainda, como importante componente alimentar e econômico em diversas sociedades.

Neste sentido, sobre a bananicultura em Corupá, Silva (2016, p. 9) aponta que

A banana é emblema na região e está presente não só na agricultura, mas nas festas e eventos locais, na arquitetura, no artesanato e no lazer. A banana da região de Corupá potencia os recursos humanos existentes, gerando postos de trabalho, contribuindo para a subsistência de inúmeras famílias que vêm na bananicultura uma importante fonte de rendimento, melhorando a qualidade de vida das populações e fixando-as no meio rural. [...]

Portanto, a produção de banana em Corupá serve para a venda da fruta ou de seus produtos derivados (banana passa, banana chips, cuca de banana, dentre outros), mas também como alternativa de fomento econômico, no que se refere à extração da fibra da bananeira, que é vendida e usada para confeccionar itens artesanais (flores, objetos de decoração e biojoias). Estas atividades têm contribuído ainda para a autoestima e bem-estar dos produtores, permitindo que se valorizem mais ao tomar consciência da importância de seu trabalho para a economia e cultura da cidade.

Percebe-se amor pela bananicultura e por esta tradição, que se desenrola a partir da repetição e da coletividade, perpetuando-se na história de Corupá ao ser passada de geração em geração (HOBSBAWN, 1997). Este "modo de fazer" que se desenvolveu no decorrer dos anos já não se refere mais apenas a uma modalidade de trabalho com finalidade definida, passou a constituir também "táticas" que "atravessam as fronteiras que permitem as classificações de trabalho ou de lazer" (CERTEAU, 2009, p. 91). E é sobre estas práticas da bananicultura no decorrer das gerações que se pretende discutir na sequência deste trabalho

A TRADIÇÃO DA BANANICULTURA: PRÁTICAS, GERAÇÕES E HISTÓRIAS

A bananicultura em Corupá é transmitida ao longo do tempo, sendo passada pelas gerações, valendo-se da agricultura familiar, desde o início do seu desenvolvimento na cidade. Portanto, chama a atenção o fato de os mais jovens continuarem realizando este trabalho que aprenderam com seus pais ou avós, permanecendo nas práticas agrícolas.

Estas relações estão associadas à "memória coletiva", pois conforme aponta Halbwachs (2006), as lembranças de determinados grupos de pessoas

associam-se às lembranças de outros, embora muitas vezes se esteja recordando de vivências sós. Portanto, ao realizar a entrevista com as três gerações juntas, foi possível também perceber que certas lembranças de um membro da família estavam associadas às de outro, ou evocavam memórias sobre um mesmo tema, mesmo sendo fatos vividos em períodos de tempo distintos. Assim,

[...] se a nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas. [...] assim que evocamos juntos diversas circunstâncias de que cada um de nós lembramos (e que não são as mesmas, embora relacionadas aos mesmos eventos), conseguimos pensar, nos recordar em comum, os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade, porque não estamos mais sós ao representá-los para nós. Não os vemos agora como os víamos outrora, quando ao mesmo tempo olhávamos com os nossos olhos e com os olhos de um outro. (HALBWACHS, 2006, p. 29-30)

A memória coletiva pode muitas vezes reforçar um grupo, o qual possua ideias comuns entre seus membros. Assim, práticas históricas de uma atividade são recordadas por quem parte da comunidade, entrelaçando-se às lembranças e compondo um mosaico que compõe a história do cultivo de bananas em Corupá, por exemplo. Tais memórias são muito importantes para a preservação das tradições (HALBWACHS, 2006).

Pode-se dizer que a bananicultura é uma tradição das famílias corupaenses envolvidas com a atividade, principalmente pelo fato de ser algo que tem se perpetuado com o tempo, passando de geração em geração, o que compõe uma tradição, a qual pode ser entendida ainda como uma invenção, referindo-se a práticas que são construídas e institucionalizadas em determinadas comunidades (HOBSBAWN, 1997).

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWN, 1997, p. 9)

Portanto, determinadas práticas e histórias tendem a permanecer no meio onde foram criadas ou

onde se fundaram suas raízes culturais. No caso de Corupá, a história do próprio município está intimamente atrelada ao desenrolar da bananicultura enquanto prática econômica e social, construída principalmente pelos descendentes de imigrantes que ali se estabeleceram.

Quando questionados sobre o início da atividade de produção de bananas na família, os entrevistados da primeira geração foram unânimes em dizer que receberam a prática dos pais, pois desde pequenos estavam envolvidos neste meio e que continuaram por ser a única atividade que possibilitava a renda no período, haja vista que as condições do relevo corupaense, marcado pelas encostas íngremes, tornaria difícil a escolha pelo plantio e cultivo de outros produtos agrícolas.

Os membros da segunda geração, quando questionados sobre o porquê de continuarem na bananicultura, se mantêm coerentes com as respostas dos primeiros, também afirmando que por influência dos pais e pelo convívio com a prática desde crianças acabaram escolhendo permanecer no ramo.

A terceira geração, no entanto, apresenta um diferencial, pelo fato de que não afirmam estar na atividade por necessidade econômica apenas, visto que na atualidade teriam mais oportunidades de trabalhar em outras áreas, mas optaram permanecer devido ao costume estabelecido e pelo orgulho que sentem em perpetuar as práticas de seus ascendentes.

Portanto, a terceira geração, é a que demonstra mais a ideia de tradição, no contexto da bananicultura corupaense, embora sejam mais novos, pois as “tradições inventadas” podem se estabelecer sem que para tanto seja necessário um período exato de tempo, sendo construídas em muitos ou apenas poucos anos (HOBSBAWN, 1997).

Ao longo das entrevistas, os membros das três gerações citam com frequência a palavra costume em suas falas, justificando também assim as razões pelas quais continuam no trabalho com a banana. Percebe-se que estes costumes estão enraizados em suas vivências e são eles que mantêm a própria tradição.

Uma das grandes características da tradição é a sua invariabilidade, no que se diferencia, portanto, dos costumes, que podem mudar ao longo do tempo. Todavia, “[...] a decadência do ‘costume’ inevitavelmente modifica a ‘tradição’ à qual ele geralmente está associado” (HOBSBAWN, 1997, p. 10).

Chama a atenção nas falas dos entrevistados, o fato de que os membros da primeira e até da segun-

da geração, reforçam a questão de que houve grandes mudanças ao longo de todos estes anos em que desenvolvem a atividade do cultivo da banana, sejam elas positivas ou não. Citam a facilidade introduzida pelas máquinas e ferramentas mais adequadas ao manejo agrícola, a burocracia trazida pelas normatizações da atividade e o fato de não trabalharem em condições tão precárias como antes. Elita Helena Fossile⁴, da primeira geração, relembra o sacrifício de carregar bananas nas costas, descalça, quando não havia outras alternativas.

Deste modo, embora tenham ocorrido mudanças, os costumes que se ligam às práticas de bananicultura permanecem, por meio dos “modos de fazer” e das relações que estabelecem entre comunidade, produtores e família. Assim

[...] O ‘costume’ nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história. [...] (HOBSBAWN, 1997, p. 10).

Os costumes estão relacionados às repetições, as quais se entendem como a chave da tradição, junto com a história e a coletividade. (HOBSBAWN, 1997). A prática de fazer junto, o trabalho em família e na comunidade, contribui para que as práticas sejam mantidas, se fortalecendo e se tornando tradicionais ao longo da história, assim como ocorre com a bananicultura em Corupá.

Segundo Thompson (1998), a transmissão de costumes apresenta maiores resultados quando é iniciada ainda nos primeiros anos de vida. Poderia aqui ser chamado de educação, o hábito de as famílias passarem a seus filhos aquilo que consideram o correto a ser feito. Os costumes movem o ser humano, iniciam ainda no convívio familiar e se enraízam a partir de observações e condutas.

Neste sentido, os entrevistados mencionam que aprenderam todo o trabalho necessário para a produção de bananas com seus pais, irmãos ou avós. Além disso, Vicente Mokwa⁵, primeira geração,

afirma que as crianças, desde pequenas observam como deve ser, por exemplo, o corte da folha da bananeira e irão se recordar disso quando chegarem à vida adulta. Esta transmissão de saberes é muito forte, embora não esteja associada à educação formal, mas sim, às rotinas de que faz parte o indivíduo.

Como afirma Thompson (1998, p. 18) ao analisar a questão do aprendizado

[...] O mesmo acontece com os ofícios que não têm um aprendizado formal. Com a transmissão dessas técnicas particulares, dá-se igualmente a transmissão de experiências sociais ou da sabedoria comum da coletividade. Embora a vida social esteja em permanente mudança e a mobilidade seja considerável, essas mudanças ainda não atingiram o ponto em que se admite que cada geração sucessiva terá um horizonte diferente. [...]

O mesmo autor reforça ainda a questão de que as práticas ou mesmo as normas vão se perpetuando no decorrer das gerações em meio aos costumes estabelecidos, sobrevivendo principalmente das tradições orais e da transmissão de narrativas (THOMPSON, 1998).

A questão da importância do trabalho em família é reforçada pelos entrevistados das três gerações, que afirmam que trabalhar juntos traz mais união entre os familiares. Adilene Fossile, da terceira geração, relata que a bananicultura permeia todo o cotidiano da família, pois “no domingo se reúne a família, é banana pra cá, banana pra lá, conversa, conversa vai, conversa vem... e aí quantas cargas já cortou essa semana? e é assim”. Adilson Fossile, seu pai, da segunda geração, assinala o fato de que trabalhar na agricultura familiar faz com que a renda obtida com a produção traz uma divisão mais igualitária dos resultados do trabalho, diferentemente de quando se trabalha em uma fábrica, por exemplo. Abaixo, a família Fossile em suas atividades diárias ligadas à produção da banana, realizada pela agricultura familiar, que conforme os entrevistados, fortalece os laços familiares. Ainda sobre o trabalho com a bananicultura e a agricultura familiar, Alexandre Guckert⁶ da terceira geração, ressalta que é muito divertido trabalhar com a bananicultura, pelo fato de que embora o trabalho seja pesado, não há

4 Entrevista concedida à autora por Elita Helena Fossile, em 25 de junho de 2018.

5 Entrevista concedida à autora por Vicente Mokwa, em 25 de junho de 2018.

6 Entrevista concedida à autora por Adilene Fossile, em 25 de junho de 2018.

7 Entrevista concedida à autora por Adilson Fossile, em 25 de junho de 2018.

8 Entrevista concedida à autora por Alexandre Guckert, em 25 de junho de 2018.



Imagen 1: Família Fossile – 25/06/2018
Fonte: Arquivo Pessoal



Imagen 2: Família Jantsch – 25/06/2018
Fonte: Arquivo pessoal

horários rígidos a serem cumpridos e durante o dia se conversa com as pessoas, trazendo momentos bons. Esta questão de trabalhar de forma mais livre é destacada inclusive, pelos entrevistados das três famílias, como um dos pontos positivos do trabalho com a produção de bananas. Todos esses costumes e tradições fazem parte de um modo de vida, que traz ainda a noção de pertencimento à determinada comunidade à qual o indivíduo está ligado e da qual possui orgulho, o que foi possível perceber em algumas falas das entrevistas, como é o caso de Adilene Fossile⁹, da terceira geração, que ao falar sobre o fato de ser a única aluna de família agricultora em sua turma da escola relata “[...] não tenho vergonha de falar que eu trabalho na roça, eu não tenho vergonha de dizer: eu sou da roça [...] de dizer que eu trago isso desde criança”.

Ou ainda o caso de Olisses Jantsch¹⁰, terceira geração, que ao recordar sobre o tempo em que seu pai não trabalhava com bananicultura afirma

Antes, quando meu pai trabalhava fora, chegava de noite, e depois que viemos morar pra cá, estando todo dia no convívio assim, trabalhando junto e aprendendo com eles, não tem explicação sabe, tu vai mesmo geração por geração, passando pra filho, filho passando pra outro filho depois e vai indo sabe, então é, na verdade, não tem outra palavra, é pra-zeroso.

Acima, foto da família Jantsch, que destaca a

importância do trabalho em família para a união e convívio, o que é proporcionado pela bananicultura.

Este orgulho reforça a tradição que permeia a atividade e faz com que a mesma permaneça ao longo do tempo, tanto que das três famílias entrevistadas, todos os membros trabalham com a bananicultura por herdar a atividade de seus pais e os da terceira geração afirmam ainda querer que seus filhos também permaneçam nela. Adilene Fossile¹¹, relata “trabalhar na roça é um orgulho e um amor, de certa forma [...] eu sinto orgulho de receber isso dos meus pais e tenho orgulho de passar isso pra frente, essa geração, e eu gosto de trabalhar na roça”.

Ao ver sua filha dizendo que se sente orgulhosa em permanecer na mesma prática que seus pais, Rolene Paholski Fossile¹², da segunda geração, afirma orgulhosa que “[...] pra nós vai ser um orgulho se eles quiserem continuar, mas a gente não pode mandar na vida deles, eles têm a vida deles e daqui pra frente cada um escolhe a sua, mas pra mim ao menos é um orgulho [...]”.

Marcia Mokwa Guckert¹³, da segunda geração, relata ainda a importância da atividade devido à possibilidade de estar em contato com a natureza, pois afirma que

É livre porque tu está em contato com a natureza, hoje de manhã eu estava no outro terreno cortando coração de banana, aí de repente escutei um barulho, parei, fiquei olhando, era um monte de tucanos

9 Entrevista concedida à autora por Adilene Fossile, em 25 de junho de 2018.

10 Entrevista concedida à autora por Olisses Jantsch, em 25 de junho de 2018.

11 Entrevista concedida à autora por Adilene Fossile, em 25 de junho de 2018.

12 Entrevista concedida à autora por Rolene Paholski Fossile, em 25 de junho de 2018.

13 Entrevista concedida à autora por Marcia Mokwa Guckert, em 25 de junho de 2018.

lá numa árvore, coisa que é só a gente aqui que vê essas coisas, pode parar pra apreciar isso.

Abaixo, imagem da família Guckert em sua residência, onde é possível perceber as bananeiras ao fundo. A família desenvolve a atividade em sua propriedade, destacando como importantes a união e o contato com a natureza.



Imagen 3: Família Mokwa – 25/06/2018
Fonte: Arquivo pessoal

Por tudo isso, é possível perceber que as tradições são passadas de maneira harmoniosa de geração para geração, pois a observação e o aprendizado propiciados pela agricultura familiar fazem com que as crianças se identifiquem com aquela realidade e busquem mantê-la em suas vidas, em suas futuras famílias.

E essa tradição permeia a cidade de Corupá, que de certa forma é dependente da bananicultura, pois como comenta Adilson Fossile¹⁴, da segunda geração, quando há crise na banana, devido aos preços baixos, isso se reflete também no município, nas atividades comerciais de modo geral. Por isso mesmo, os membros da família Jantsch, observam que deveria haver mais valorização do produtor na cidade, por tudo que ele representa. Adilene Fossile¹⁵, aborda ainda em sua fala que anos atrás se ouvia falar ainda menos do agricultor de Corupá, que hoje melhorou um pouco nesse sentido, embora seja necessário ainda mais.

Neste sentido, Alexandre Guckert¹⁶ comenta

que a bananicultura é de grande importância para a cidade de Corupá, pois

É muito bom, porque Corupá nunca era reconhecida por nada [...] hoje em dia, praticamente o mundo conhece a gente por causa da banana. Então eu acho que quem é de Corupá tem que ter orgulho de morar aqui porque é isso que fez a gente ser conhecido, tanto na briga com a banana do Equador, ou agora com a indicação geográfica, com a festa da banana que tinha uma época e agora a ASBANCO está começando de volta com essa festa, com desfile, com o Bananalama, são coisas que fizeram Corupá ser conhecida, e eu tenho orgulho disso, e eu acho que a cidade aqui também deveria ter ao invés de ficar pegando tanto no pé de quem é colono [...].

Além disso, quando questionados sobre a questão da Indicação Geográfica por Denominação de Origem como a “banana mais doce do Brasil”, as famílias afirmam pensar que será algo positivo para a cidade e também para eles enquanto produtores, pois a medida que o produto é valorizado, aumenta sua lucratividade e também sua importância.

Elcídio Jantsch¹⁷, ao falar sobre o orgulho em exercer sua atividade aponta que “é um orgulho, porque a gente se sente assim, tu vai adubando, vai cuidando de um pé de banana assim e tu consegue produzir uma fruta boa e botar no mercado, falam: ‘pô que banana bonita’, a gente se sente bem [...].”

Na família Fossile, a conversa em determinado momento gira em torno da possível concorrência com as bananas do Equador, que poderão ingressar no mercado brasileiro. Porém, Elita Helena Fossile¹⁸ afirma imediatamente com um sorriso de satisfação “Ah, mas nossa banana tem outro gosto”, denotando um imenso orgulho em ser produtora da fruta. Adilene Fossile¹⁹ reforça que ver um caminhão carregado com as frutas ali produzidas é um imenso orgulho, pois significa que os esforços valeram a pena.

Deste modo, dentro da comunidade de produtores, a atividade é realizada com orgulho e satisfação, o que gostariam que fosse reconhecido também por outras pessoas. Sobre isso, é interessante refletir sobre as táticas e estratégias apresentadas por Certeau (2009), quando aborda a questão do consumo de cultura, nas quais existem relações de poder. O autor aborda o seguinte

14 Entrevista concedida à autora por Adilson Fossile, em 25 de junho de 2018.

15 Entrevista concedida à autora por Adilene Fossile, em 25 de junho de 2018.

16 Entrevista concedida à autora por Alexandre Guckert, em 25 de junho de 2018.

17 Entrevista concedida à autora por Elcídio Jantsch, em 25 de junho de 2018.

18 Entrevista concedida à autora por Elita Helena Fossile, em 25 de junho de 2018.

19 Entrevista concedida à autora por Adilene Fossile, em 25 de junho de 2018.

[...] Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.) [...] toda racionalização “estratégica” procura em primeiro lugar distinguir de um ‘ambiente’ um ‘próprio’, isto é, o lugar do poder e do querer próprios. [...] (CERTEAU, 2009, p. 93)

Este “próprio”, de que se refere o autor, significa muito para que a estratégia funcione, pois ele permite alguma vantagem, visto que traz independência no que tange às variabilidades circunstanciais. Pode-se dizer que “é uma vitória do lugar sobre o tempo. [...] E um domínio do tempo pela fundação de um lugar autônomo”. (CERTEAU, 2009, p. 94).

Já a tática seria aquela praticada pelo mais fraco, aquele que não possui o “próprio”, conforme define o autor “[...] chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro [...]” (CERTEAU, 2009, p. 94).

Deste modo, as táticas seriam desenvolvidas pelo movimento daqueles que a realizam, com o intuito de conquistar seu espaço aos poucos, a partir de ocasiões que lhes são apresentadas, pois “[...]. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia” (CERTEAU, 2009, p. 95).

Os entrevistados das três famílias comungam da mesma ideia ao afirmar que dentre as maiores dificuldades está a falta de valorização do produtor da banana, como ocorre com os pequenos agricultores de modo geral, embora seja esta uma atividade humana fundamental para a sobrevivência. O preço da banana oscila bastante também, fazendo com que muitas vezes ocorram prejuízos na produção, os produtos sobrem ou a lucratividade seja baixa. Mesmo com essas adversidades a tradição permanece.

Desta forma, a tradição da bananicultura na cidade de Corupá seria uma importante “tática” utilizada pelos produtores para a permanência da atividade e seu desenvolvimento econômico. Define-se

como “tática” porque não possui um poder consolidado, mas sim, atividades cotidianas, maneiras de fazer que têm se perpetuado pela oralidade e pelo trabalho em família. Atividades que são passadas de pais para filhos, mas que ainda estão reféns do preço a ser pago, das condições naturais a que estão vulneráveis e ainda às ações governamentais que nem sempre colaboram para um maior desenvolvimento da prática. Embora atualmente, tenha se reconhecido cada vez mais a importância da banana para o município, seja ela econômica ou cultural, ainda assim os produtores não detêm o poder de seu negócio.

E ainda para fechar as discussões possibilitadas pela oralidade das fontes, buscou-se perceber o que a bananicultura representa para estas famílias produtoras, pois tal compreensão é de suma importância no estudo da atividade como tradição. A representação pode ser entendida como o que produz as estruturas necessárias ao historiador e ao seu trabalho, utilizando-se das práticas da história cultural. Assim, as representações coletivas seriam mais eficientes que as “mentalidades” para compreender o mundo social, seja pelos recortes da realidade, pelas práticas de identidade social ou pelas formas de existência. Deste modo, a história das representações facilitaria ao historiador a compreensão das realidades e fatos estudados (CHARTIER, 1991).

Deste modo, se buscou analisar de que forma a bananicultura foi representada por estes produtores e nesta etapa há uma diferença a ser ressaltada entre a primeira e a terceira geração. Os membros da primeira, quando questionados sobre o que a atividade representa para si, afirmam que é uma fonte de obter dinheiro, enfatizando mais a questão econômica da produção da fruta, embora reconheçam sua importância enquanto tradição.

Na segunda geração, fica bastante evidente a questão do trabalho familiar, enfatizado como muito importante, como símbolo da união e do compartilhamento de momentos, que trazem alegria, mesmo com a dificuldade que o trabalho realizado por eles traz intrinsecamente. Fazem isso com amor e prazer, pois Marcia Mokwa Guckert²⁰ reforça que prefere passar o dia cortando bananas do que resolvendo outras coisas no centro da cidade. Adilson Fossile²¹, acentua que é preciso gostar do que se faz, em qualquer profissão e por isso eles permanecem firmes na bananicultura.

Porém, na terceira geração, se define a ativida-

20 Entrevista concedida à autora por Marcia Mokwa Guckert, em 25 de junho de 2018

de como a própria vida, como diria Alexandre Guckert²¹, para o qual a bananicultura é tudo, é o que faz suas vidas acontecerem, é o que trouxe tudo que eles possuem. Olisses Jantsch²² apresenta em sua fala uma maneira de pensar parecida, pois para ele a produção de bananas também representa a vida e por fim, Adilene Fossile²³ também reforça em sua fala, ao longo da conversa, o quanto a bananicultura está fortemente ligada com sua vida.

O que se pode dizer é que a produção de bananas já criou raízes profundas na cidade de Corupá, raízes estas que permanecem mesmo com o passar do tempo e com as mudanças que ele traz ou ainda com as dificuldades que permeiam o que fazem. Elfi Minatti Mokwa²⁴ define isso ao dizer “a gente nasce nisso e com certeza não teria outro jeito de viver, porque enraíza”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a questão da tradição na bananicultura de Corupá, a partir das fontes problematizadas, é possível entender que ela não permanece de maneira conflituosa ou por imposições, mas sim pelo que representa aos seus membros, por sentirem orgulho do que fazem, pelo fato de agregarem este costume às suas vidas, desde muito cedo e compartilharem de momentos familiares ligados à produção de bananas, portanto, é desta forma que a tradição é transmitida.

Algumas considerações são necessárias no que tange à comparação das gerações, quando relatam os motivos da permanência no ramo, visto que todos herdaram tal prática dos seus pais. Na primeira geração, fica evidente que optaram por continuar com a bananicultura porque no período não havia outras opções a não ser a agricultura, para que pudessem sobreviver. A escolha pelas bananas se deu pelo fato de que não era possível produzir uma diversidade maior de gêneros agrícolas, pelas condições naturais do local, principalmente pelo relevo composto basicamente por morros. Portanto, embora ainda gostem do que fazem, percebem a atividade muito mais pelo viés econômico do que pelo viés cultural.

Na segunda geração as possibilidades também

não eram muitas para que saíssem do ramo e fossem para outras atividades, mas a liberdade, o trabalho em família e a perpetuação do que herdaram dos pais fez com que mantivessem o interesse pela continuidade, bem como buscassem ensinar isso aos seus filhos.

A terceira geração apresenta uma leitura mais cultural da bananicultura no município, seja no que se refere ao orgulho próprio e a realização por este trabalho, mas também pela identidade que a fruta dá ao município, o que vem sendo evidenciado cada vez mais, principalmente pelos trabalhos desenvolvidos pela ASBANCO, cuja intenção é buscar uma maior valorização do produtor perante a cidade.

Embora isso esteja melhorando, ainda há muito a ser feito no sentido de sensibilizar a cidade quanto à importância que a bananicultura tem para o município, seja por movimentar o comércio trazendo renda ou até mesmo por ser uma grande possibilidade de gastronomia e turismo a ser explorada, além das atividades que permeiam o feitio dos subprodutos da banana, tais como a banana passa, a fibra da bananeira ou até mesmo os chips da fruta.

Este trabalho teria como uma possibilidade uma maior inclusão do tema nas escolas do município, pois apenas uma tem maiores atividades ligadas ao dia da banana, sendo justamente a que se abriga o público das famílias produtoras. Ao decorrer do ano até são realizadas palestras com as crianças, abordando o tema em agosto, próximo às festividades do dia da banana. Todavia, este poderia ser um trabalho contínuo, de modo a contribuir para a visibilidade cultural da bananicultura.

O processo de busca pelo registro da Indicação Geográfica, iniciado em 2016 está também trazendo uma visibilidade maior para a fruta e consequentemente para seus produtores, pois muitas notícias sobre o tema já foram e continuam sendo vinculadas, o que também oferece uma boa possibilidade de pesquisa.

Sendo assim, fica evidente que as memórias coletivas e os costumes estabelecidos são importantes ferramentas para a permanência da tradição da bananicultura na cidade, a qual têm vencido os desafios do tempo e das mudanças dele decorrentes.

21 Entrevista concedida à autora por Adilson Fossile, em 25 de junho de 2018.

22 Entrevista concedida à autora por Alexandre Guckert, em 25 de junho de 2018.

23 Entrevista concedida à autora por Olisses Jantsch, em 25 de junho de 2018.

24 Entrevista concedida à autora por Adilene Fossile em 25 de junho de 2018.

25 Entrevista concedida à autora por Elfi Minatti Mokwa, em 25 de junho de 2018.

FONTES

ARQUIVO DA ASBANCO. Ata da Fundação da Associação dos Bananicultores de Corupá, de 30 de julho de 1994.

ARQUIVO DA ASBANCO. Estatuto da Associação dos Bananicultores de Corupá, de 04 de novembro de 2010.

FOSSILE, Adilene. Entrevista concedida à Giseli de Lorena. Em 25 de junho de 2018.

FOSSILE, Adilson. Entrevista concedida à Giseli de Lorena. Em 25 de junho de 2018.

FOSSILE, Elita Helena. Entrevista concedida à Giseli de Lorena. Em 25 de junho de 2018.

FOSSILE, Rafaela. Entrevista concedida à Giseli de Lorena. Em 25 de junho de 2018.

FOSSILE, Rolene Paholski. Entrevista concedida à Giseli de Lorena. Em 25 de junho de 2018.

GUCKERT, Alexandre. Entrevista concedida à Giseli de Lorena. Em 25 de junho de 2018.

GUCKERT, Marcia Mokwa. Entrevista concedida à Giseli de Lorena. Em 25 de junho de 2018.

JANTSCH, Adalberto. Entrevista concedida à Giseli de Lorena. Em 25 de junho de 2018.

JANTSCH, Elcídio. Entrevista concedida à Giseli de Lorena. Em 25 de junho de 2018.

JANTSCH, Olisses. Entrevista concedida à Giseli de Lorena. Em 25 de junho de 2018.

MOKWA, Elfi Minatti. Entrevista concedida à Giseli de Lorena. Em 25 de junho de 2018.

MOKWA, Vicente. Entrevista concedida à Giseli de Lorena. Em 25 de junho de 2018.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano:** artes de fazer. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**. São Paulo. 1991. v. 5. n. 11. p. 173-191.

CORUPÁ. **Corupá, 112 anos.** 2014. Disponível em: <<http://www.corupa.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaltem/20941/codNoticia/41448>> Acesso em: 04. jun. 2018.

CORUPÁ. **História.** Disponível em: <<http://www.corupa.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/28283>> Acesso em: 10. jun. 2018.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. In: **Revista Topoi**. Rio de Janeiro. 2002. v. 3. n. 5. p. 314-332. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2237-101X2002000200314&script=sci_abstract&tlang=pt> Acesso em: 25. mai. 2018.

GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Caminhos Trançados: a trajetória do projeto da fibra da bananeira no Vale do Itapocu.** Jaraguá do Sul: sn, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HOBSBAWN, Eric. **A invenção das tradições.** 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LEIS ESTADUAIS. **Lei Ordinária nº 12.472, de 11 de dezembro de 2002.** Disponível em <<http://leisestaduais.com.br/sc/lei-ordinaria-n-12472-2002-santa-catarina-reconhece-o-municipio-de-corupa-como-capital-catarinense-da-banana-2015-10-08-versao-compilada>> Acesso em: 05. jun. 2018.

LEIS ESTADUAIS. **Lei Ordinária nº 16.722, de 08 de outubro de 2015.** Disponível em: <<http://leisestaduais.com.br/sc/lei-ordinaria-n-16722-2015-santa-catarina-consolida-as-leis-que-conferem-denominacao-adjetiva-aos-municípios-catarinenses>> Acesso em: 05. jun. 2018.

LEIS MUNICIPAIS. **Lei nº 1505 de 09 de dezembro de 2003.** Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/c/corupa/lei-ordinaria/2003/151/1505/lei-ordinaria-n-1505-2003-reconhece-como-de-utilidade-publica-a-associacao-dos-bananicultores-de-corupa?q=ASBANCO>> Acesso em: 05. jun. 2018.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: **Projeto História**, Revista do Programa de Estudos Pós Graduados em História. São Paulo, v. 14, 1997, p. 25-39. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233/8240>> Acesso em: 24. abr. 2018.

REBOLAR, Paola Beatriz May. **Banana da Região de Corupá**: Levantamento Histórico e Cultural. Florianópolis: SEBRAE, 2016.

SEBRAE. **Banana**: relatório completo. 2008. Disponível em: <[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/8E2336FF6093AD96832574DC0045023C/\\$File/NT0003904A.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/8E2336FF6093AD96832574DC0045023C/$File/NT0003904A.pdf)> Acesso em: 05. jun. 2018.

SILVA, Aparecido Lima da. **Banana da Região de Corupá**: Dossiê Técnico-Científico. Florianópolis: SEBRAE, 2016.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.